

licantropia, o *sabat*, os sortilégios e outras atividades da bruxaria radicavam-se em produtos engendrados pela imaginação, instigada pelo Demônio.²³⁴ As feitiçeras, vítimas dos estratagemas do Diabo, eram irresponsáveis, exigindo cuidados médicos e não punições.⁶⁵ Para tratamento das desordens mentais, era chamado o médico e depois, se fôsse necessário, comparecia o sacerdote.¹⁰⁰ Ao médico, não ao padre, cabia preconizar e administrar remédios. Depois das purgações e de outras medidas terapêuticas, os exorcismos se tornavam mais eficazes.¹⁰⁰ Com o livro intitulado "De praestigiis Daemonum" ("Do prestígio do Demônio"), ou seja, "Discours des illusions et impostures du Diable"²³⁴ ("Dissertação sôbre as ilusões e imposturas do Diabo"), Jean Wier foi acusado de feitiçeiro, blasfemador e impostor,¹⁰⁰ sendo as suas concepções criticadas e refutadas através dos livros de Jean Bodin²⁶ e de Henri Boguet.²⁷ Porque propôs uma interpretação médica dos casos, admitindo que o Diabo apenas intervinha nos bastidores dos quadros clínicos, agindo no plano da imaginação, Jean Wier, na conclusão de Zilboorg,²³⁸ se apresenta, historicamente, como o *Primeiro Psiquiatra*.

Jean Schenck, médico em Estrasburgo e em Friburgo, opinou que os demônios eram doentes mentais, vítimas da melancolia.¹³⁷ O incubato e o sucubato, radicados em pesadelos devidos à ação da *bile preta*, a licantropia, modalidade de distúrbio da imaginação e do julgamento, e outras manifestações atribuídas à influência diabólica eram sintomas próprios do estado melancólico, em conexão com causas naturais e a serem tratados por meio de purgativos, sudoríficos e sangrias.¹³⁷ Em fins do século XVI, já se admitia que as chamadas *doenças hiperfísicas* fossem tratadas pelo médico em colaboração com o exorcista. O médico estabelecia o tratamento dos casos, geralmente no objetivo de debelar um estado melancólico. A terapêutica era ministrada antes ou depois do exorcismo. Para os remédios exercerem bons efeitos, eram abençoados por padres.¹³⁷ Na orientação de Lucius, contemporâneo de Jean Schenck, os pacientes eram assistidos pelos sacerdotes e só depois intervinham os médicos, com remédios benzidos pelos religiosos.¹⁰⁰

Para Ambroise Paré, pai da cirurgia francesa, o Diabo apenas agia sôbre a imaginação dos homens. Os indivíduos supunham perceber visões, ouvir vozes, experimentavam sensações estranhas, figuravam-se em congresso sexual com Demônios, concebiam-se desprovidos de órgãos, ou transformados em animais, ou já falecidos, e, no entanto, tudo não passava de ficção.¹³⁷ Ao lado dessas doenças dependentes da imaginação instigada pelo Diabo, havia as doenças mentais propriamente ditas, determinadas por causas naturais:¹³⁷ predisposição, acidentes no parto

e na gestação, artritismo, alcoolismo, distúrbios menstruais, desgostos, estafas, abalos morais, etc. Muitas curas eram obtidas à custa da imaginação:¹³⁷ um homem que se supunha envenenado se sentiu salvo com a ingestão de pretense antídoto, um sífilóforo se declarou curado com a fricção de manteiga corada de cinzento, uma mulher se sentiu bem disposta depois de se haver convencido de que o cirurgião lhe retirara rãs do estômago. Em 1584, Reginald Scot, no livro "Discovery of Witchcraft" ("Descoberta da Feitiçaria"), concluiu que os fenômenos ligados à bruxaria dependiam de causas naturais e os acusados de feitiçaria necessitavam, não de punições, mas de tratamento.¹⁹⁹ Em estilo pitoresco, concluiu:¹⁹⁹ "Os que têm os miolos corroídos e a imaginação transtornada por fantasias e apreensões no tocante às bruxas, aos esconjuradores, às fadas e a tôdas as demais quimeras inconsistentes, eu classifico numa das seguintes categorias: crianças, tolos, mulheres, poltrões e espíritos mórbidos ou contaminados pela melancolia".

No século XVII, o padre jesuíta Frederico de Spée, com as suas observações sôbre a feitiçaria nas Missões e as bruxas processadas pela Inquisição,¹⁶⁷ admitiu a existência do Diabo, mas sem lhe reconhecer a imensa esfera de ação atribuída pela época.¹⁰⁰ Na marcha dos processos, as feitiçeras deveriam escolher o seu advogado e o seu confessor, assim como serem submetidas ao exame de teólogos e de médicos.¹⁰⁰ Em virtude das condições mentais mórbidas, alguns se acusavam como feitiçeiros sem que tal fôsse verdade.¹⁰⁰ A *marca do Diabo* e o *malefício da taciturnidade* eram determinados por fatores emocionais.¹³⁷ A *prova da água* e o emprêgo de torturas eram medidas cruéis e contraproducentes.¹⁰⁰ Na opinião de Thomas Willis,¹³⁷ o incubato decorria de uma interpretação emprestada à sensação de peso no epigástrio sobrevinda no curso de digestão penosa, condicionada por transtorno do sistema nervoso vegetativo. Félix Platter admitiu a existência de Demônios, mas que determinavam uma *loucura diabólica* suscetível de se distinguir das demais à custa de sinais especiais.³⁶ Em muitos casos, a intervenção do Diabo se manifestava através de distúrbios naturais. As visões dos demônios estavam em conexão com um *sono comatoso*.⁶³

Paulo Zacchias, médico do Papa Inocência X, autor da obra "Questiones Medico-Legales", o Pai da Psiquiatria Forense, opinou que o Demônio só se instalava nos melancólicos.¹⁰⁰ Na expressão de Zacchias,¹⁰² "o Demônio se compraz com o humor melancólico". "O demonopata é uma criatura que, em virtude do estado melancólico, é possuída pelo Demônio, que dêle se serve como de um objeto". Zacchias também recriminou a violenta repressão exercida contra a feitiçaria.⁶⁵ O padre jesuíta